
De volta para minha terra: do descentramento da metrópole à busca de isolamento social no interior do Brasil

Levy Felix Ribeiro [1]

Resumo: O presente trabalho é resultado de uma trajetória de deslocamento, propondo o exercício de uma descrição que permita contextualizar, através de relatos, a interpretação das regras sociais impostas pela necessidade do isolamento social causada pela pandemia da COVID-19. Pretendo também analisar o cenário que se desenha a partir das interpretações da população, a qual, ainda que resista ao discurso de que o isolamento funcione, lida no dia a dia com as críticas e implementações de políticas de saúde que são necessárias para o desenvolvimento de políticas públicas e a concretização dos serviços adequados para diminuição da pandemia.

Palavras-chave: Antropologia Social. Covid-19. Descentramento.

Back to my land: From the decentralization of the metropolis to the search for social isolation in the interior of Brazil

Abstract: The present work is the result of a trajectory of displacement, proposing the exercise of a description that allows contextualizing, through reports, the interpretation of social rules imposed by the need for social isolation caused by the COVID-19 pandemic. I also intend to analyze the scenario that is drawn from the population's interpretations, which, although it resists the discourse that isolation works, deals on a daily basis with the criticism and implementation of health policies that are necessary for the development of public policies and the realization of adequate services for the reduction of the pandemic.

Keywords: Social Anthropological. Covid-19. Decentralization.

[1] Doutorando em Antropologia Social pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília. E-mail: levylfex@gmail.com

DAS INQUIETAÇÕES

Quantas trajetórias e vidas foram pausadas por causa da pandemia da COVID-19? Entre os muitos números da pandemia, poucos ganham nomes: o pai de um amigo, um vizinho, o primo de um conhecido, a namorada de um colega, um tio próximo, um sobrinho, nomes e pessoas muitas vezes solitárias por não poder estarem próximas de familiares e amigos devido à propagação de contaminação. A Covid-19 anuncia a morte de muitos que deixaram, através da dor, a lembrança de sua existência.

Eu, calouro no doutorado (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - PPGAS) da Universidade de Brasília (UNB) fui uma das pessoas que pausou a vida por conta pandemia da COVID-19, pois fazia poucos dias que estava e me organizava em Brasília. No início do mês de março, a busca de um local fixo para me estabelecer ficava cada vez mais restrita; aos poucos, nossas primeiras aulas se anunciavam em um tom de “sejam todos bem-vindos” e era a perspectiva de um novo rumo e caminho não só para mim, mas para todos outros alunos que vieram de regiões diferentes e que esperavam ansiosamente pelas aulas.

Mesmo estando em Brasília para o início do doutorado em 2020, era como se eu não tivesse nem chegado: minha rotina, meus planos, minha trajetória, meus horários foram interrompidos, minha expectativa foi distanciada e minha presença não era presente. Isso também estava acontecendo com outros alunos em outras universidades de todo país. Aos poucos, órgãos federais, estaduais e municipais iam desengrenando as máquinas e, com o Decreto do Governo

nº 40.509 como uma medida de diminuir a proliferação da COVID-19 pela região, as atividades presenciais foram suspensas.

Em março, com a aplicação do decreto e os primeiros números de infectados detectados, a preocupação tornou-se notícia nas conversas e rodas daqueles colegas que gostaríamos de conhecer pessoalmente, das disciplinas na universidade que não iríamos cursar, dos debates e reflexões que não existiram neste momento, dos fichamentos que não foram escritos, das trocas de aprendizado que deixariam de ser relatadas, dos risos e angústias que não foram compartilhados.

Com a suspensão do calendário que ainda perdurava e adentrava ao mês de abril, e com a não execução das aulas remotas do programa de pós-graduação, decidi - no dia 20 abril em plena segunda-feira antes do feriado de Tiradentes - *voltar para minha terra*, precisamente, minha casa no interior de São Sebastião, Alagoas.

A trajetória - idas e vindas “de volta para minha terra”

Eis então a minha saga: sair de Brasília para Alagoas, para uma cidade chamada São Sebastião, localizada a 120 km da capital Maceió, na ilusão de que cedo ou tarde a COVID-19 chegaria, mas que isso possivelmente poderia demorar. Aparentemente, com tudo o que andava acontecendo, as cidades interioranas iriam acabar sendo também aos poucos, alvos desta pandemia.

No dia 20 de abril, uma segunda-feira às três horas da manhã, eu estava pronto para pegar o transporte por aplicativo: local de partida

- Asa Norte, sentido - aeroporto. Solicito pelo aplicativo o carro, a empresa informa pela mensagem do meu celular: “seu carro está a caminho”, nome do motorista e placa aparecem em minha tela de celular, como normas do aplicativo e segurança. Era ele um senhor de seus poucos mais de 45 anos, branco, alto, quase careca, seu nome era Edson: esse seria o motorista e condutor para o aeroporto, colocou minha bagagem na mala do carro; entrei no banco de trás do carro e dei minha última conferência nos pertences.

De forma leve e simpática através do espelho retrovisor central fizemos o nosso contato visual, perguntou-me para onde eu ia, em minha observação (e sempre acompanhado de meu caderno de anotações, de forma ainda bem indireta) ao responder, já lhe dou uma outra pergunta, “como estava o movimento para ele?” refiro-me à situação, devido ao reduzido número de pessoas pelas ruas. De imediato, ele me responde: “de ontem para hoje, você é o meu primeiro cliente e isso porque ainda tive sorte de estar rodando uma hora dessas pela madrugada e o governador me fala sobre isolamento social, para eu ficar em casa, como? Isolamento social pra quem pode!”

É a partir daí que a ideia de escrever este relato de travessia surgiu. No momento da minha volta para casa e de como um senhor tão gentil se questiona de como ficar em casa, se é preciso trabalhar e ainda me coloca aparentemente contra a parede quando fala de uma maneira bem generalizada, que é fácil ficar em casa quando se mora na Asa Norte, no Plano Piloto em Brasília, isso se referindo ao local que ele tinha me encontrado.

Recorro ao texto de Marc Augé (2010) diz que Brasília é segmentada entre aqueles que andam em suas quadras e circulam pela cidade, seus grandes escritórios, onde vivem as classes superiores e “as cidades satélites, onde residem as classes médias, e a zona intermediária, a zona das favelas e das instalações precárias progressivamente ocupadas pelas classes pobres” (AUGÉ, 2010, p. 41).

Esse aspecto representa uma maneira de informar e enfatizar que essa região do plano possui moradores de um padrão aquisitivo que se diferencia daqueles que moram em outras cidades ao seu redor, que não podem alimentar as expectativas de “ficar em casa”.

É na observação, separação e abnegação de fatos como esse que me questiono a que ponto a COVID-19 intensificou a percepção da desigualdade, no que diz respeito ao isolamento social. Para autores como Carla Almeida, Ligia Lüchmann e Carla Martelli (2020), a Covid-19 ascendeu sobre as condições dos diversos trabalhadores e trabalhadoras que foram atingidos diretamente, a desigualdade social só atenuou essa vulnerabilidade que afetou as periferias das grandes metrópoles e de muitos lugares onde se concentram a pobreza.

Ainda segundo os autores,

[...] a dificuldade em manter o isolamento social em face da necessidade de buscar renda num contexto de frágil sistema de proteção social; as condições precárias de habitação e de saneamento; o acesso precário a serviços de saúde, as desigualdades raciais, e a baixa escolarização (ALMEIDA; LÜCHMANN; MARTELLI, 2020, p. 22).

Esses são alguns apontamentos que traduzem em veracidade como o isolamento social não foi uma escolha para todos os brasileiros, aqueles que estão à beira desses processos sociais de desigualdade, não puderam, não se questionaram e muito menos pensaram em se resguardar na hipótese de que o vírus da covid-19, não escolhe cor, classe social e econômica, assim o trabalho não foi uma oferta de escolha para esses trabalhadores.

Esses apontamentos só reforçaram a conversa com o motorista de aplicativo que conheci na madrugada do dia 20 de abril, no trajeto de minha residência na Asa Norte, Brasília - DF para o aeroporto; de forma sutil, como já apontado acima, ao perguntar como estava o trabalho como motorista durante este tempo pandêmico, de forma bem direta e sem hesitar, ele me falou da dificuldade econômica e de como pensar em ficar em isolamento social quando se tem em casa mais quatro pessoas (suas três filhas e sua esposa) e do impacto desse isolamento sobre o seu sustento, sua vida, seu ganha pão.

O motorista ainda afirmou que, segundo ouvira falar, havia um medicamento que poderia fazer efeito positivo caso ele pegasse o coronavírus e que ele não ia ser afetado como muitos que precisaram ir parar nos hospitais. Esses argumentos proferidos por um motorista de carro de aplicativo, só refletem e nos põem a pensar sobre como o conceito de isolamento social estava sendo interpretado, por ele e por tantos outros, e como promessas não comprovadas cientificamente sobre cura e tratamento da doença, estavam justificando a continuidade do trabalho presencial dessas pessoas, colocando esses trabalhadores em perigo e não permitindo pensar em ficar em

casa pela necessidade do trabalho, seria para eles uma faca de dois gumes.

Ao chegar ao Aeroporto Internacional Juscelino Kubistchek, o local ainda estava vazio devido ao horário (quatro da manhã), sigo para o guichê, faço o *check-in* e vou para o salão de embarque; na espera, noto que outros voos de diferentes locais começam a chegar e lotar o salão, esses eram voos de outras escalas direcionando esse público para outros e diversos locais.

No horário esperado, embarco no avião e sigo meu trajeto para o Aeroporto Internacional de Guarulhos, seria uma conexão para só depois eu seguir para o Aeroporto Internacional Zumbi dos Palmares em Alagoas. A aeronave estava lotada e constituía um ambiente bem incomum ao ver todos utilizando máscaras e ouvir poucas conversas; o cenário sugeria que máscaras (a quais, agora, eram um acessório do rosto de pessoas) cobriam sorrisos, aflições, bocejos, e quaisquer outras expressões.

Já no desembarque em Guarulhos - SP o ambiente se mostrou por hora diferente: os portões de embarque lotados, uma aglomeração incontável de pessoas, o termo “distanciamento” parecia não existir, então só o que me permitia afastar parcialmente dos outros eram as máscaras, elas se tornaram uma fronteira e um acessório quase como uma peça de roupa, primeiro como uma forma de prevenção da pandemia, segundo como uma maneira de, por hora, diminuir a interação.

Como antropólogos e etnólogos, parece que estamos perseguindo um fantasma, o de um conhecimento impossível. Como questiona

Augé, “podemos conhecer realmente os outros? Conhecemos realmente aqueles de quem gostamos e estamos próximos?” (AUGÉ, 2010, p. 79).

A busca de um local mais calmo me fez refletir também sobre essa dissonância de lugares, transitamos em um momento tão tenso, quem são essas pessoas que precisam ir ao trabalho para manter a máquina econômica funcionando. Foi a partir da visão de Marc Augé (1994), em *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*, que podemos pensar sobre a ótica de deslocamentos entre lugares através dos meios de transportes desenvolvidos pela sociedade nessa corrida da modernidade.

São locais como rodoviárias, aeroportos, supermercados, shopping centers, estações de metrô e trens que acolhem esse público, esses lugares de fato são locais de trânsito de pessoas, esses lugares são lugares de ninguém, mas pensar que esses ambientes coexistem é se permitir fazer uma nova abordagem e reorganizar o que esses não lugares podem oferecer, pois permitem aos trabalhadores escreverem suas vidas e seu dia a dia, que histórias sejam contadas.

Já é hora de seguir, meu voo está pronto para partir e começo a analisar e saber que, assim que chegar a Alagoas, o isolamento social e o afastamento de meus familiares e de meus amigos terá de ser realizado, porque em meu pensamento o interior seria um dos últimos lugares a serem infectados e, mesmo com alguma desinformação, a população iria se restringir a muitas coisas.

Em terra firme, já na capital - Maceió - AL, na espera da mala para recolhimento, meu

irmão me aguarda do lado de fora do desembarque e, sim, mais uma vez como uma peça de roupa, lá está ele de máscara, devidamente protegido, o abraço não é mais permitido, o cuidado em manter a distância é combinado.

No estacionamento do aeroporto, retiro boa parte de minha roupa e coloco em uma sacola plástica, ele (atencioso) havia trazido uma muda de roupa para que eu pudesse vestir, ali mesmo em frente à mala do carro, troquei de roupa, ele e eu de máscara e paramentados de luvas e álcool gel, fazemos nossa primeira “asepsia” e seguimos viagem para o interior, direto para casa.

Ao chegar em minha residência, fui privado de qualquer contato com minha mãe e familiares durante um período de quinze dias, como recomendado para evitar e constatar qualquer sintoma que possivelmente eu pudesse apresentar, até ir para pousada um local que funciona como trabalho para mim e meus familiares e lugar também de moradia.

Ao passar esses dias quase que sabáticos, resiliente tento retomar as atividades em meio à pandemia, sempre de máscara e evitando as aglomerações. Porém, na entrada que é um dos acessos à cidade de São Sebastião, como método de controle sanitário, implantaram-se barreiras sanitárias para medir temperatura do corpo e, a qualquer sinal de febre, notificações seriam encaminhadas para a secretaria do município, eram funcionários contratados que não faziam parte do setor da área de saúde, muitas vezes sem o mínimo de treinamento para abordar as pessoas.

Entretanto, ao passar dos dias, percebo que tanto o isolamento que estava fazendo

quanto o cuidado que meus familiares tiveram pareciam não ser importantes: pessoas no centro da cidade circulavam sem máscaras, bares, supermercados, entre outras atividades econômicas, funcionando como se estivéssemos em outro planeta, ou melhor, como se nada estivesse acontecendo.

Ao fazer uma introspecção: será mesmo que sair de Brasília para voltar ao interior foi uma ideia correta? Vi pessoas nas ruas sem máscaras, poucas as utilizavam; o mês de maio parecia informar à população que tudo estava controlado, mesmo sabendo e acompanhando diariamente as notificações da Secretaria do Município para a população. Aos poucos, a COVID-19 dava seu primeiro aceno entre os moradores que não suportavam e sequer aceitavam o isolamento social, abnegando o conhecimento científico que demonstrava o aumento, entre abril e maio, do número de pessoas infectadas.

Nesse período, a cidade apresentou um número de 125 casos confirmados, segundo o boletim epidemiológico do Centro de Informações Estratégicas e Respostas em Vigilância em Saúde CIEVS/AL. Havia 7.058 casos confirmados no Estado de Alagoas e mais acompanhando esse crescimento na página social do Instagram, que foi um dos meios de informe aparentemente precisos, pois uma parte da população sempre sabia dos dados através dela, no dia 17 de julho de 2020 segundo dados oficiais da prefeitura já se confirmavam 519 casos confirmados, 1.246 pessoas testadas e 7 óbitos.

Do descentramento ao isolamento social, que isolamento?

Entre o vir de Brasília e o isolamento social na cidade de São Sebastião - AL, as contradições se mostraram bastante presentes, o comércio por parte chegou a fechar a partir de maio até fim de julho de 2020 mês que se iniciava o período e corrida de disputa a prefeitura a cargos políticos de vereadores e prefeito da cidade em todo país, mas no interior, em especial em São Sebastião, havia uma névoa que parecia encobrir toda essa pandemia.

Ao certo, uma parcela da população estava cumprindo as demandas de isolamento social, mas como esse momento de julho eram os primeiros dias e passos de uma caminhada política, os funcionários contratados já se debruçavam na busca de casa a casa no pedido do voto para seus respectivos candidatos a prefeito.

Ainda que as recomendações fossem dadas, orientadas e acompanhadas pela Secretaria Municipal da cidade, muitos são os moradores que abdicaram do uso da máscara, ainda recordo que, no início dos primeiros casos, as pessoas não acreditavam que a pandemia tinha chegado aqui e a comparava com uma simples “gripezinha” reproduzindo o que o presidente Jair Bolsonaro fez em seu pronunciamento diante a pandemia da Covid-19.

Portanto, o trabalho nasceu da experiência de um descentramento, segundo Agier (2015), que nos permite uma reflexão preliminar sobre as mudanças sociais e o impacto da pandemia; a minha formação em antropologia social levou-me a privilegiar a etnografia como uma forma de conhecer, uma

prática que estabelece relações, seleciona informantes, transcreve textos, levanta genealogias, mapeia campos, mantém diário e assim por diante (GEERTZ, 2008, p. 4), mas acredito que a prática etnográfica deve ser lançada para um outro momento e com mais detalhes e que não me leve a perder o senso sobre o trabalho do antropólogo segundo Roberto Cardoso de Oliveira (1996) o olhar, ouvir e escrever.

Ao contrário do que nós antropólogos compreendemos em uma definição mais clássica do que é etnografia e o método etnográfico fundado por Bronislaw Malinowski (1966), em tempos de pandemia, da mesma maneira que o vírus se alastra pelas cidades, torna-se impossível fazer relatos de campo a partir de observações simples e rápidas, questiono-me se seria possível (re)inventar uma etnografia feita através de elementos de um momento curto ou de um pequeno número de observações com interlocutores em nossos trajetos em campo?

Ainda que relate casos pequenos nessa minha busca de volta à minha casa, o termo “mobilidade” remete às diversas escalas para possivelmente “[...] compreender as contradições que minam nossa história. Essas têm tudo a ver com a mobilidade” (Augé, 2010, p. 99). Na busca do esforço de uma compreensão sobre contradições dessa minha mobilidade e riscos envolvidos com a pandemia da Covid-19, as pessoas ainda pareciam desacreditar acho que uma certa inconveniência de ter que ficar em casa e se restringir a muitas coisas que faziam e fazem parte do cotidiano.

Aos poucos, a partir de maio o comércio, ainda que pequeno, começa a dar sinal de fechamento de restaurantes, pousadas,

bares, entre outros, a persistência se dava das casas de construções que, segundo alguns donos desses empreendimentos, relataram que a pandemia fez um efeito reverso, como pedido de isolamento, ao que parece, acionou um momento de compras expressivas de materiais de construções e também uma escassez de muitos produtos.

Ao mês de junho e julho, mesmo com a contagem de pessoas contaminadas com o vírus aumentando, a política reforçou e revogou o medo a este momento; mesmo tomando as devidas precauções a busca de um poder político, a corrida de candidatos a prefeitos e vereadores parecia motivar bem mais aos tantos profissionais que fazem conjunto a este momento político, do que ficar em casa e se resguardar.

Concomitante a isso, eu como aluno do doutorado, tentava me esquivar nesse momento tão atípico em nossas vidas, as contradições em ficar em casa ou não, foram dúvidas de várias pessoas durante a política, a cidade de São Sebastião se mostrava em dois momentos. Como a eleição fervilhava nesse período, o fato de ficar em casa já não mais era interessante ou “possível” segundo alguns interlocutores na fala “ou você vai trabalhar pedindo voto ou você pode perder o emprego quando se é contratado” essas e outras falas sempre me ecoavam aos ouvidos enquanto ficava na porta de casa/pousada sentado em uma cadeira, como de costume em muitas cidades dos interiores brasileiros, obedecendo o distanciamento, utilizando máscara e sempre presente com álcool gel.

Além disso, escutar e escrever fazem parte do meu cotidiano, ainda mais depois que voltei de Brasília, as aulas e nossas vidas

interrompidas permitiram alocar outros espaços. A partir do final de agosto, as aulas começam a serem dadas de forma remota (assíncronas e síncronas), uma nova maneira para que desta maneira não perdêssemos nosso primeiro semestre não atrasando o calendário, como se a pandemia já não tivesse afetado a todos e ainda mais nossas vidas acadêmicas.

Ao voltar para casa, e por morar em uma que também é pousada, considero que tenho que conotar a dificuldade de ter que dividir minhas obrigações ajudando nas atividades, no atendimento ao público de maneira segura, sendo dividida com as aulas do doutorado. Sei que, se não tivesse voltado, as coisas poderiam andar sem minha presença, mas nesse momento, com o medo rondando os familiares, estar aqui, mais do que minha obrigação, é ocupar este espaço neste momento.

Com o início das aulas remotas, tenho que saber organizar uma agenda dos meus compromissos e leituras (que não foram fáceis), ainda por estar nesse comprometimento de atender clientes, ora fazer meus fichamentos das leituras, assistir às aulas, entre outras atividades, virando-me como podia.

Nesse momento tão difícil que o mundo está vivendo, voltar para casa, arriscar-se entre a multidão de pessoas nos aeroportos, nas inúmeras filas de guichê, nas aglomerações para embarcar no avião, no sobe e desce das escalas, em busca do bem-estar ao sair dos centros urbanos, das grandes cidades para regressar ao interior confere uma falsa segurança. O coronavírus (Sars-Cov2) e a doença Covid-19, segundo Marcedo, Ornelas et al. (2020), surge como uma pandemia

que marcou o ano de 2020, mas os autores questionam desde quando essa pandemia se encontrava presente em nossa sociedade.

Apontamentos como esses me guiaram a uma reflexão sobre as percepções de cada pessoa sobre o termo “isolamento social”. Quando não há dúvida sobre a sua definição, há resistência ao saber e conhecimento científico para profilaxia da COVID-19 e aspectos que envolvem o cenário econômico e político das práticas de políticas de segurança para a diminuição e contágio do coronavírus.

Apesar dos esforços dessa compreensão do que é e do que está sendo o isolamento social para as pessoas da cidade, tento - no mesmo entendimento - acompanhar as aulas do doutorado, ainda que com muita dificuldade, pois, como citei no início do texto, aqui pessoas são contaminadas a todo momento e o vírus mostra que não é o momento de deixar de lado os cuidados e mais ainda o isolamento social.

De certo ponto, as aulas me permitiram (ainda que de maneira árdua, não pelas disciplinas, mas sim pelos momentos de conexões de internet que sempre eram interrompidas, os acessos quase impossíveis, os áudios que ecoavam e retornavam) observar que a pandemia veio e mostrou um novo cotidiano a todos os habitantes do país.

São essas reflexões escritas que mostram como a pandemia tanto exacerbou sobre a desigualdade social como interrompeu e até mesmo modificou a vida de muitos estudantes e trabalhadores, não escolhendo a que atividade econômica e social atingir, tendo em vista que a pandemia ocasionou diretamente uma crise no mercado econômico.

Para os autores ao pensar sobre isolamento social:

Os trabalhadores em situação de maior precariedade no mercado de trabalho, os impossibilitados de realizar seu trabalho a distância e aqueles do setor informal da economia são os que possuem maior risco de perder a ocupação. Também as mulheres devem ser afetadas de forma diferenciada nessa crise devido à ausência de atividades escolares presenciais e ao aumento das atividades domésticas e de cuidados (BARBOSA; COSTA; HECKSHER, 2020, p. 61).

Da mesma maneira que existe uma corrida para o enfrentamento da COVID-19 e para uma vacina capaz de paralisar essa pandemia, perguntam-se e trazem questões que permitam pensar e debater sobre experiências e modo de perceber sobre os diversos ângulos da sociedade.

Das considerações

Por fim, como chamo de travessia esse momento de voltar pra minha casa assim como tantos outros que tiveram suas vidas, o pausar para que as coisas pudessem e tentasse se conectar e concertar já seria uma possibilidade, porém a mobilidade se restringia a passos cautelosos e suscitados devido a mudança do cenário que se moldou no ano de 2020 com a pandemia, a dificuldade não estava apenas para alguns, mas sim para todos, assim como muitos pesquisadores que já se anunciavam para construção e elaboração para as idas a campo, pois o momento seria interrompido pela extrema cautela e necessidade de um isolamento social.

Entretanto, o campo de pesquisa seja qual for, e quem sabe o etnográfico permite-nos repensar, reordenar e fazer nossas concepções de como proceder aos nossos anseios enquanto pesquisador, pela dificuldade de não poder estar presente nas acolhidas das casas dos interlocutores, nas áreas urbanas e entre tantos locais, que a mobilidade nos foi reduzida pela questão e necessidade do isolamento.

Referências

AGIER, Michael. Migrações, descentramento e cosmopolitismo: uma antropologia das fronteiras. Maceió - AL: EDUFAL / São Paulo - SP: Editora Unesp, 2015.

ALMEIDA, Carla, LUCHMANN, Ligia; MARTELLI, Carla, 2020. A pandemia e seus impactos no Brasil. *Middle Atlantic Review of Latin American Studies*, 4(1), pp.20-25. DOI: <http://doi.org/10.23870/marlas.313>. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Carla_Almeida23/publication/342653340_A_pandemia_e_seus_impactos_no_Brasil/links/5f443492299bf1340eef669/A-pandemia-e-seus-impactos-no-Brasil.pdf. Acesso em: 03 de dez. 2020.

AUGÉ, Marc. Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papius, 1994.

AUGÉ, Marc. Por uma antropologia da mobilidade. Maceió: EDUFAL: UNESP, 2010.

BARBOSA, Ana Luiza Neves de Holanda; COSTA, Joana Simões de Melo; HECKSHER, Marcos Dantas. Mercado de trabalho e pandemia da Covid-19: Ampliação de desigualdades já existentes?. In: IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Mercado de trabalho: conjuntura e análise. Brasília: IPEA/Ministério do Trabalho. Ano 26, julho de 2020. p. 55-64. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10186/1/bmt_69_mercdetrabalho.pdf. Acesso em: 03 de dez. 2020.

BBC NEWS - BRASIL. 2 momentos em que Bolsonaro chamou covid-19 de 'gripezinha', o que agora nega. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>. Acesso em: 03 de dezembro de 2020.

BRASÍLIA (DISTRITO FEDERAL). Decreto nº 40.509, de 11 de março de 2020. Disponível em: http://www.se.df.gov.br/wp-content/uploads/2020/03/decreto-corona-virus-40509_11mar20.pdf. Acesso em: 16 de maio de 2020.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. Disponível em: https://portal.cfm.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=28672:2020-04-23-13-08-36&catid=3. Acesso em: 27 de maio de 2020.

FERREIRA, Alfonso; ALVES, Pedro. Ibaneis decreta suspensão de aulas e eventos no DF por cinco dias devido ao coronavírus. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/03/11/ibaneis-afirma-que-vai-suspender-aulas-e-eventos-por-cinco-dias-por-conta-do-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 17 de maio de 2020.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das culturas. 1.ed. 13. reimp. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

MACEDO, Yuri. Miguel; ORNELLAS, Joaquim. Lemos; BOMFIM, Helder. Freitas. COVID - 19 NO BRASIL: o que se espera para população subalternizada?. Disponível em <<http://pesquisa.newwp.unis.edu.br/wp-content/uploads/sites/74/2020/04/8189-21211-1-PB.pdf>> Acesso em 30 de maio de 2020. ISSN 2675-1291 | DOI: <http://dx.doi.org/10.5935/encantar.v2.0001> Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade - Bom Jesus da Lapa, v. 2, p. 01-10, jan./dez. 2020.

MALINOWSKI, Bronisław. *Argonauts of Western Pacific*. Londres: Routledge, 1966.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. Revista De Antropologia, 39(1), 13-37. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1996.111579>

SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE DE ALAGOAS. Informe Epidemiológico. Disponível em: <http://www.saude.al.gov.br/wp-content/uploads/2020/05/Informe-Epidemiol%C3%B3gico-COVID-19-n%C2%BA-81-26-05-2020.pdf>. Acesso em: 27 de maio de 2020.

Recebido em 24/09/2020

Aceito em 02/12/2020